

O MAU-GÔSTO OU A GANÂNCIA...

RUBEM BRAGA

O MAU-GÔSTO ou a ganância dos donos de revista continua a exaltar, em cada Carnaval, a glória dos travestis. Dedicam-lhe páginas a côres, com o texto em linguagem marota, falando de «bonecas» e «enxutos», que este ano realizaram, no Cine-Teatro São José, seu nono baile.

Para esse tal baile vem gente dos Estados e até de alguns países estrangeiros. A festa não é oficializada, mas os convidados oficiais do Estado são levados a ver a curiosidade.

Há, nos bailes oficiais ou não, os concursos de fantasias, quase sempre com prêmios de luxo e prêmios de originalidade para fantasias femininas e masculinas. Os concorrentes masculinos são tão pouco másculos que nem fazem questão de fingir. Vestidos de príncipes disso ou daquilo (um deles, descrevendo a cauda de sua fantasia, explicou que estavam bordadas as armas da família real da República Portuguesa do ano 1500) desfilam-se e exibem-se com meneios langorosos, e explicam, ao microfone da televisão, a concepção de suas suntuosas roupagens cheias de «pailletés».

Acho tudo isso triste, sem gosto, sem graça e errado. Acho que nos bailes oficiais só deveriam ser admitidas aos concursos fantasias femininas, vestidas por mulheres. Horroriza-me desgostar pessoas tão sensíveis, mas acho também que deviam ser proibidos bailes públicos do tipo desse «dos enxutos»: a polícia não devia dar licença para essa exibição de anormalidade.

Não se trata de perseguir os invertidos, que não têm culpa da própria condição. Esse problema homossexualismo é complexo, delicado e melancólico; a verdade, porém, é que ele se agrava quando há condição para fazer exibicionismo e proselitismo, de modo a levar adolescentes a considerar como naturais tendências que eles estariam em condições de reprimir ou, para usar uma palavra muito desmoralizada pelo abuso, sublimar.

Sabe-se, hoje, que não há homem totalmente viril nem mulher totalmente feminina; cada um de nós herda uma pequena percentagem de características do outro sexo; pelo que tenho lido, acredito que isto é, hoje, tese pacífica. Ora, tanto do ponto de vista individual como social, é estimável que cada um se comporte de acôrdo, digamos assim, com seu sexo principal. Homossexualismo é anormalidade, é doença, é infelicidade; é uma tendência que pode, deve e muitas vezes tem sido combatida com êxito pela psiquiatria. Toda essa glorificação dos «pailletés» é pernicioso, pois cria um clima de exaltação ou aceitação da doença, mesmo dentro do chiste e da caçoada.

Penso nos pais que têm um filho de tendência dúbia, e que fazem esforço para encaminhá-lo no sentido da normalidade, pois sabem que se consentirem em sua perversão estarão consentindo que ele viva a vida inteira como um neurótico infeliz, fonte de tristeza e humilhação para toda a família. Esses não devem achar graça nenhuma nessas horas de televisão e nessas capas ou páginas coloridas de revistas destinadas aos «enxutos» — não tão enxutos, os pobres, que não banhem as faces, muitas vezes com as lágrimas da frustração, da angústia e do desespero.

18/2/67